

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 29

Nº 188

**JANEIRO-FEVEREIRO
2013**

Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	3
1500-592 Lisboa	A Lição Maior	5
Telefone : 217 647 441	A decadência da Ética	8
*	Minha Calma (Soneto)	16
Director Responsável :	Um Corpo para o Além	17
Manuela Vasconcelos	As duas rãs	23
*	Páginas do Passado	26
Tiragem : 150 exemplares	Um Epitáfio	30
	Preserva a ti Próprio	31
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720	*	
Depósito Legal Nº. 13972		

EDITORIAL

Mais uma vez o calendário mudou a folha – do dia, do mês, do ano – trazendo-nos uma nova época de aprendizado e esperanças, de renovação e oportunidades para mais um pouco de conhecimento, de melhoria espiritual, de tentarmos sempre mais estender as nossas mãos e abrir os nossos corações para aqueles outros que se verificam vazios... E este vazio, que pode fazer de cada um um ser mais ou menos ôco de sentimentos, este vazio será, neste 2013, o grande inimigo a vencermos porque, olhando o que se passa à nossa volta, ninguém pode ficar indiferente ... nem à criança que chora porque tem fome ou foi maltratada em casa, nem ao adulto, pai de família, que vê as necessidades daqueles que ele sente obrigação de cuidar e não encontra maneira de o fazer.

Tantas portas fechadas para outros tantos seres de procuram uma só que se lhes abra, para poderem ser atendidos: eles não pedem esmola mas apenas que lhes dêem uma oportunidade digna de se valerem valendo aos seu, mantendo-se dignos.

Então, o que este novo ano nos pede é que estejamos mais atentos às necessidades daqueles que ombreiam conosco, necessitados, mas que sentem vergonha de falar a revelarem o quanto precisam de auxílio... E pede-nos, ainda, que continuemos a lutar pela nossa melhoria espiritual, matando mais e mais aqueles sentimentos menos dignos, menos próprios, que nos acompanham ainda, reencarnação após reencarnação, como que numa escravidão de que não conseguimos, ainda, a alforria! É tempo de o fazermos! É tempo de gritarmos para nós próprios que já adquirimos o direito de sermos melhores – e procurarmos essa melhoria na Doutrina que seguimos e nos afirma, incessantemente, que veio para a transformação do homem velho!

Novo Ano... Ano Novo é apenas um virar da folhinha do calendário, após um 31 de Dezembro qualquer... Nós, nós continuamos a contar e somar uns dias após os outros, sem nos apercebermos a maioria das vezes se a maneira como os estamos a viver nos é benéfica ou prejudicial! Então, vamos procurar estarmos mais atentos, reclamando menos e agindo ou procurando agir sempre melhor para que, no final de um outro 31 de Dezembro, se nos apetecer olhar para trás para recordarmos os últimos 365 dias vividos, possamos reconhecer que fizemos deles os melhores dias da nossa vida... Porque, tal como diz a cantiga

... Então é Natal! E o que Você fez?
O ano termina e nasce outra vez!

Bom Ano para todos, com muitas realizações espirituais!

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

Caracteres da Revelação Espírita

(Continuação)

30 – O Espiritismo, partindo das próprias palavras do Cristo, como este partiu das de Moisés, é uma consequência directa de sua doutrina.

À ideia vaga da via futura, acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos cerca e povoa o espaço e, para tanto, define a crença; dá-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade à ideia.

Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem e para onde vai, porque está na Terra, porque sofre temporariamente e vê por toda a parte a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride sem cessar, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com a mesma aptidão para progredir, em virtude do seu livre arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas senão a diferença quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e atingirão o mesmo alvo, mais ou menos rapidamente, segundo seus trabalhos e sua vontade.

Sabe que não há criaturas deserdadas, nem mais favorecidas umas que as outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredir, e que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os designados pelo nome de **demónios são Espíritos** ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado espiritual, como o praticavam na Terra, como homens, mas que se adiantarão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que atingiram o alvo, depois de

terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei da unidade que rege o universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos de suas próprias obras.

(*Continua*)

(In: A GÊNESE, 13ª ed. Lake, 1981, capítulo I).



A LIÇÃO MAIOR

...”e ela deu à luz o seu filho primogênito, enfaixou-o e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.”Lcs., II:7.

Debruçamo-nos sobre a estadia de Jesus na Terra, para meditarmos um pouco sobre ela.

Sabendo que o Divino Amigo desceu à Terra para ensinar aos homens o caminho para o Pai, quando mais perdidos eles se encontravam na sua conduta egoísta e irresponsável, e perguntamos de imediato:

- Qual o Seu primeiro ensinamento?, concluindo, desde logo, pela humildade e simplicidade.

Humildade, no tecto e no leito que escolheu para seu primeiro abrigo: Rei dos Reis, como mais tarde os homens o apelidaram, Ele não procurou nem um palácio nem um berço de ouro para o acolherem, mas a protecção simples de um tecto onde se abrigavam, igualmente, alguns dos dóceis animais que serviam os homens, que eram também criação Divina, e entre esses animais que os alimentavam fisicamente Ele começou a afirmar silenciosamente aquilo que repetiu na última ceia: - “Eu sou o Pão da Vida...”, porque, se os animais davam o alimento físico, Ele trazia-nos o alimento espiritual que ajudaria a humanidade, na sua transformação, a aproximar-se do Senhor – sem fanatismos mas com a fé que o Amor proporciona.

O segundo ensinamento, que poderemos colocar ou trocar pelo primeiro, está nos pais que escolheu: a Virgem pura, recatada, até à bem pouco recolhida entre as paredes do Templo, sem ter passado pela convivência por vezes leviana, por vezes cobiçada pela sua beleza, por outros homens. Maria era linda fisicamente, mas a sua beleza interior era maior ainda... e temos José, o homem simples, descendente da realeza da época, mas pobre, trabalhando para viver e honrando o trabalho no auxílio que dava a uns e a outros, ainda mais pobres que ele. Mas a sua pobreza não fizera dele um revoltado: José amava o Senhor, estudava a Sua lei e procurava viver de acordo com o que dela compreendia.

Frequentava as reuniões de louvor ao Senhor, no Templo, procurando sempre agir conforme entendia o que o Senhor queria dele.

O Menino não podia ter melhores pais para O amarem e educarem, pois desempenhando um e outro o seu papel, com dignidade, se um ensinava o amor e a tolerância, outro ensinava e exemplificava o valor do trabalho e o relacionamento fraterno que

devia haver entre todos – o próximo mais próximo ou o mais distante.

Aprendendo desde muito novinho o trabalho do pai, Jesus fez dele o seu ganha-pão, para se sustentar e aos seus, quando José desencarnou.

Depois, temos o apelo que do Céu foi feito aos pastores, para o irem ver e adorarem e eles, na maneira como corresponderam ao apelo, podiam – podem simbolizar toda a humanidade necessitada de O conhecer, amar e seguir os seus ensinamentos. A procura que d’Ele fizeram simboliza, ainda, a procura que todos nós devemos fazer para buscarmos sempre no nosso caminho a verdade, às vezes revelada claramente para todos, às vezes oculta ou disfarçada e que temos necessidade de procurar se queremos ser felizes.

Seguidamente, temos a chegada dos três reis magos e as suas ofertas... Os Magos que sabiam do Seu nascimento porque liam nas estrelas o que elas transmitiam e que, na fé manifestada por Aquele que o Senhor enviava, O queriam homenagear.

Homenagem é dádiva, homenagem é oferta... a oferta maior é a do Amor vivenciado; mas não sabendo falar dele para um recém-nascido, fizeram-no da maneira que podiam: dando o que melhor O podia honrar já que, para o fazerem, tinham deixado os seus países e os seus palácios para reverenciarem quem consideravam maior que qualquer um deles.

Ainda aqui, qualquer um que se sabe grande a fazer-se pequenino para dignificar quem reconhece como o Salvador!

E Jesus cresceu exemplificando sempre que, para se ser grande, devemos nos tornar pequenos e servirmos para sermos servidos!

A lição natalina, que os Céus não deixaram esquecer nem morrer ao longo de dois mil anos, sem tornar relevante o mês em que aconteceu porque de menos importância, vai recordando permanentemente aos homens a necessidade do Amor, dos laços familiares, da simplicidade e da humildade – pois só assim cresceremos para Deus - que continua a aguardar-nos pacientemente, não nos limitando o Tempo e dando-nos toda a liberdade de ação. Procurando-O por Amor, por fé, e não por uma imposição que nunca nos honraria espiritualmente, temos de mostrar-Lhe o que queremos, como queremos, reconhecendo n'Ele o Pai de Amor que nos criou para sermos felizes!

AUGUSTO

(Psicografia, em 6/1/2013).

*

A DECADÊNCIA DA ÉTICA

Analisando-se a situação sócio-espiritual do planeta na actualidade, não há como negar-se a presença da destrutiva onda de pessimismo e utilitarismo que domina as criaturas humanas em toda a parte.

Apoiados no niilismo, embora os comportamentos rotulados de religiosos de alguns dos seus segmentos sociais, o cinismo das

pessoas e a decadência da ética dão-nos a dimensão do desespero que avassala as mentes e os corações atormentados.

Em consequência, a violência e o depautério, a drogadição e o erotismo substituem as aspirações de enobrecimento dos seres, como mecanismos escapistas para preencher o *vazio existencial* e o desencanto que se apossaram do século XX, que se desenhava com perspectivas iluministas, libertadoras, ricas de anseios de felicidade e de beleza.

A amargura toma conta dos indivíduos que se sentem coisificados, enquanto a revolta arma as multidões desvairadas que se levantam contra os abusos do poder, as injustiças sociais, os desregramentos dos dominadores, a desonestidade dos legisladores que perderam o respeito moral, a liberdade e o direito de viver com o mínimo de honorabilidade que seja...

Pode-se afirmar que a aparente calma que ainda paira sobre algumas nações não esconde os paíóis de explosivos prestes a deflagrar o estouro prenunciador das tragédias que produz.

Não se trata, porém, de uma ocorrência inesperada, quando se observam as suas raízes plantadas no fim do século XVIII, por ocasião da Revolução Francesa, quando a tirania substituiu os ideais dos filósofos da liberdade, instaurando *dias de terror*.

Em desesperada tentativa de manter a ordem na França, Robespierre, chamado “o incorruptível”, que lutara pelos ideais da fraternidade, da liberdade e da igualdade, não teve forças morais para resistir às pressões do desespero das massas e de outros pensadores, mantendo a guilhotina a funcionar sem trégua, ao ponto de tornar-se ultrajante ditador e sanguinário. Vítima de um

golpe dos seus adversários da Convenção, foi preso e também guilhotinado.

Nesse período difícil, *a morte de Deus* foi anunciada, e a revolta retirou os vestígios da Sua presença no país, inclusive mudando os nomes de ruas, *boulevards* e praças que os tivessem de santos ou denominações religiosas, assim como os objectos de culto das igrejas, tentando *apagar a lembrança* da fé e da crença espiritual no território francês.

Logo depois, com o retorno de Deus através da Concordata de 1802, firmada por Napoleão Bonaparte com o Vaticano, permaneceram os ódios e resquícios do período de revolta e de perseguições inclementes, dando lugar a um amortecimento ético dos sentimentos.

O *Iluminismo* em declínio favoreceu o *Positivismo* em ascensão, enquanto as ideias pessimistas e destrutivas de Arthur Schopenhauer espalhavam-se por toda a parte, proclamando a necessidade de Deus e de qualquer formulação religiosa no comportamento humano.

À medida que o materialismo tomava conta da cultura, a amargura doentia de Friedrich Nietzsche passou a comandar as mentes e os corações desesperados, amparados no cepticismo científico das Academias, que asseverava ser a alma uma *sudorese cerebral* que desaparecia com a morte do encéfalo. Nessa paisagem de morbidez e desencanto, o ateísmo tornou-se a directriz comportamental dos indivíduos, que logo depois se atiraram à guerra perversa de 1869-1870, que ressurgiu entre 1914-1918 e retornou calamitosa entre 1939-1945, com as mais inacreditáveis cargas de ódio e destruição de que a História tem notícia.

Muito contribuíram para essa tragédia as ideias do *super-homem* do referido Nietzsche e o pensamento de Heidegger, que muito influenciou o surgimento do *nazismo*, partido ao qual ele se filiou por algum tempo, embora rompendo depois, quando da perseguição aos professores judeus da Universidade de Freiburg, onde era reitor...

A ética do mais forte substituiu a dos direitos humanos e da dignidade, em face da aristocracia do poder totalitário e insano de alguns governantes...

Heidegger influenciou filosoficamente Jean-Paul Sartre com o seu pensamento sobre o *ser*, servindo de inspiração para o *existencialismo* e total desinteresse pelos valores ético-morais que conduziram a civilização ao largo dos séculos.

Viver agora e fruir ao máximo, não poucas vezes sem qualquer respeito pelos direitos dos outros, cultivar o prazer até à exaustão, passaram a ser os comportamentos aceites e divulgados como recurso valioso para a preservação da vida e das experiências de alegria e de bem-estar.

Lamentavelmente, as religiões ortodoxas, incapazes de oferecer resistência filosófica e ética aos absurdos da nova ordem, por se manterem fiéis aos programas medievais totalmente ultrapassados, foram desprezadas e consideradas responsáveis pela miserabilidade do ser humano, pelos seus desaires, pelas suas amarguras.

Carregado pelas heranças teológicas do *pecado* e da *culpa*, o ser humano rompeu com as tradições enganosas e preferiu arrostar as consequências da sua liberdade, derrapando na libertinagem.

Sucedem que, toda vez quando se arrebentam as algemas da escravidão de qualquer tipo, a ansia de liberdade é tão grande que, por desconhecimento dos seus limites, aquele que a aspira tomba nos resvaladouros da irresponsabilidade, da agressividade aos direitos alheios, do abuso desrespeitoso...

Assim acontecendo, desaparece a ética da conduta para apresentar-se o direito de exceção, colocando-se o indivíduo acima da lei, da ordem e de qualquer restrição.

Os avanços da Ciência, demitizando algumas das informações e dogmas religiosos, os milagres de Jesus, que passaram a ser observados do ponto de vista das doutrinas psicológicas e parapsicológicas, reduziram a cultura ao materialismo, desde 1959, quando Charles Darwin, através do *Evolucionismo*, aplicou o golpe de misericórdia no mitológico *Criacionismo* bíblico, servindo de suporte para a vitalização do ateísmo...

A contribuição da Tecnologia, alargando e aproximando os espaços e as distâncias, facultando a demonstração dos postulados científicos através das experiências dos factos, foi fundamental para a indiferença humana pelos códigos de dignidade e de valorização da própria vida.

O século XX, portanto, herdeiro da revolução filosófica-científica do passado, rapidamente aceitou o novo comportamento que se consolidou durante a *revolução hippieísta* dos anos 60, quando se deram as grandes mudanças de conduta, e as tradições nobres como a família, o casamento, a dignidade, a ordem passaram a ser *instituições ultrapassadas*.

Irrompendo em avalanche avassaladora, tomou conta da juventude, que se sentia castrada pela intolerância e pelo poder

dominador, passando a constituir um mundo novo, um modo diferente de vida...

O aborto, a eutanásia, o suicídio, a agressividade, passaram a ser éticos na linguagem nova, que iria culminar nos *homens e mulheres bombas*, nos atentados terroristas, no crime organizado, na violência urbana, no alcoolismo exacerbado, no tabagismo, na drogadição e no sexo destituído de qualquer sentido moral e afectivo.

Dando largas aos instintos primários, o *nadaísmo*, estimulando o erotismo, coisificou os seres humanos, que passaram a vender-se no mercado da luxúria sem qualquer pudor, sob o disfarce de experiências artísticas, desde que economicamente rentáveis.

Nesse comércio hediondo, em que pouquíssimos logram alcançar os patamares elevados, multidões de jovens inexperientes são devoradas pelas máfias que o administram, passando os tractores da indiferença sobre os corpos e as almas mutiladas daqueles que ficaram vencidos durante as tentativas iniciais.

Inevitavelmente, houve uma total decadência ética da cultura e da civilização, que passaram a adorar os novos deuses do prazer e do engodo, da utopia e da mentira, embora vivendo-se o *vazio existencial* que leva à depressão e ao suicídio.

Nada obstante, nesse ínterim, surgiu o Espiritismo em 1857, revitalizando a ética moral, baseada nas lições insuperáveis de Jesus, que foram corrompidas pelas ambições e conchavos humanos através dos séculos, desde o dia em que se uniram ao Império Romano, passando de perseguidas a perseguidoras.

Com a revelação dos imortais, a vida passou a ter sentido profundo e significado psicológico indiscutível, como decorrência da proposta filosófica erguida pelos *pilotis* dos factos demonstrativos da imortalidade da alma, da vida futura, da justiça divina e da *Lei de Causa e Efeito*, responsável por todos os fenómenos humanos.

A partir de então, embora lentamente, vem sendo restaurada a proposta de amor como sendo a fonte inexorável para a felicidade, em razão dos seus conteúdos optimistas e realistas, que dignificam a espécie humana, proporcionando-lhe os necessários estímulos para desenvolver-se e atingir as culminâncias da iluminação pessoal.

A falência do novo comportamento niilista encontra-se em toda a parte, porque a sua doutrina enganou os seus adoradores, conduzindo-os às aflições superlativas e às angústias dantes jamais vivenciadas.

Aturdidas, essas multidões decepcionadas e sem rumo buscam, mesmo sem o saber, retornar às origens do bem e da alegria, ao encontro da pureza de sentimentos e de convivência nobre, sentindo falta da fraternidade que deve sempre vigor entre os seres humanos, sequiosos de paz e de esperança.

Ninguém pode viver em equilíbrio sem a bênção confortadora da esperança que abre perspectivas formosas para o futuro.

O Espiritismo, portanto, possuindo os paradigmas que foram deixados para trás pelo anarquismo e cepticismo, apresenta-os como propostas que levam à ética do dever e da harmonia, propiciando ventura.

A crença em Deus, a crença na imortalidade da alma, a crença na comunicabilidade dos Espíritos, a crença na reencarnação, a crença na pluralidade dos mundos habitados e as propostas ético-morais de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que proporciona uma releitura das lições insuperáveis de Jesus, conforme as conhecemos nas narrativas dos evangelistas, são as novas directrizes para a construção do ser humano feliz e da sociedade ditosa que todos aspiram.

Não há outra alternativa, excepto a coragem para superar a crise moral que domina praticamente toda a sociedade contemporânea, reflexionando e vivendo a vigorosa ética espírita, que resume as mais grandiosas formulações da ancestral diante das novas necessidades que tomam conta da sociedade.

Revigorada, a ética lentamente ressurge e passará a comandar os destinos humanos na direcção da paz e da alegria de viver mediante o correcto culto dos deveres.

VIANNA DE CARVALHO

(Psicografia do médium brasileiro Divaldo P. Franco, em Boca Raton, Flórida, EUA, em 24/6/2009 e publicada na Revista Espírita REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, em Setembro do mesmo ano, de onde a transcrevemos com a devida vénia).



“Diante de quaisquer transes da vida, tudo venceremos se nos dispusermos a esquecer o mal, crer no bem e servir com amor”. – BEZERRA DE MENEZES in “Meditações Diárias, psicografia de Francisco C. Xavier”.



MINHA CALMA

Crês-me tranquilo e calmo como um lago
Na inércia tumular da gelidez!
Como te engana a fria placidez
Que aparento, cultivo, forço e afago!

Com cruciante dor mantenho e pago
O meu marado ar de rigidez,
Em que minh'alma finge sisudez
E com que um velho orgulho em mim apago.

Minha aparência é só máscara fria
Com que à maior tristeza ou alegria
Eu dou igual aspecto, por cautela...

Rígido efeito da vontade calma
Com que rebuço minha infantil alma
Para que o mundo se não ria dela!

FERNANDO DE LACERDA

(In: Poemas esparsos, do seu período no Brasil, entre 1911 e 1918)



UM CORPO PARA O ALÉM

O Homem é um Espírito encarnado em um corpo material.

O perispírito é o corpo semi-material que une o Espírito ao corpo material.

Você pode não ser espírita, leitor amigo, mas se ligado a qualquer culto religioso, catolicismo, budismo, protestantismo, islamismo ou quejandos, é um espiritualista; concebe a existência e sobrevivência do Espírito, que anima os seres humanos.

Em ‘O Livro dos Espíritos’, Questão 88, o Mentor Espiritual que orienta Kardec explica que o Espírito pode ser imaginado como uma chama, um clarão ou uma centelha etérea.

Sem morfologia, sem corpo, sem braços e sem pernas, como actua ele na dimensão espiritual?

Essa dúvida levou os teólogos medievais a desenvolverem o princípio de que a consciência está indissolivelmente ligada ao cérebro.

Assim, se morre o homem, hiberna o Espírito. Dormirá até hipotético juízo final, quando os mortos retornarão à vida, ressurgindo, literalmente, das cinzas. Só então, ligado ao corpo ressurecto, o ser pensante retomará a consciência de si mesmo. Levando em consideração essa fabulosa ideia, que supera a imaginação do mais audacioso ficcionista, como explicar os episódios a seguir?

Segundo o ‘Livro de Tobias’, no ‘Velho Testamento’, um anjo, que diríamos Espírito protector, toma a forma humana e durante algum tempo convive com o velho Tobias, cego, e seu filho, o jovem Tobias, ajudando-os e protegendo-os, sem que eles soubessem de sua verdadeira natureza.

Consultando a pitonisa de Endor, o rei Saul vê, estarecido, o profeta Samuel que vem da morada dos mortos para lhe dizer que ele pereceria no dia seguinte, juntamente com seus filhos, na batalha contra os filisteus – vaticínio terrível que se cumpriu.

Jesus levou os apóstolos Pedro, João e Tiago a um monte, que a tradição fixou como o Tabor. E ali, segundo relatam os evangelistas, parecia resplandecer à luz do Sol, conversando com Moisés e Elias, figuras marcantes do Velho Testamento.

Paulo, perseguidor implacável dos cristãos, estava às portas de Damasco, onde pretendia prender Ananias, dedicado adepto da nova crença. Eis que, para sua surpresa, Jesus aparece diante dele, numa das mais emocionantes passagens do Evangelho, modificando os rumos de sua vida.

Santo António, notável missionário cristão, fazia sua costumeira pregação em Pádua, Itália, quando, assustando o público, pareceu sofrer fulminante síncope. Simultaneamente apresentou-se num tribunal, em Lisboa, a oitocentos quilómetros, para defender seu pai, que estava sendo injustamente julgado por um crime que não cometera. Após desfazer a intriga, o santo desapareceu de Lisboa e acordou em Pádua, para alívio dos fiéis.

A professora ministrava a aula quando, sonolenta, sentou-se numa cadeira e ali permaneceu imóvel. Uma aluna, à janela, chamou as colegas. A mestra estava lá fóra. Viam agora duas

professoras, uma adormecida na cadeira; a outra, um clone perfeito, passeando no jardim. Pouco depois sumiu a de fóra; despertou a de dentro.

Noite alta, um médico ouviu baterem à porta de sua casa, perto de movimentada estrada. Jovem mulher, em desespero, pediu-lhe socorro para vítimas de um acidente de automóvel. Ele atendeu prontamente, correndo para o local, nas imediações. Ali, deparou-se com uma criança a chorar, ao lado da motorista morta. Estupefacto, constatou que era a mulher que lhe pedira socorro.

Uma senhora acordou vendo o filho ao seu lado. Parecia ferido e aflicto, mas logo desapareceu. Preocupada, não conseguiu mais conciliar o sono. Pela manhã recebeu a notícia de que o rapaz morrera num acidente de automóvel, em plena madrugada, pouco antes da sua visão.

Uma mulher deitou-se e apagou a luz. Observou que o cônjuge se levantou e saiu do quarto. Ficou apavorada, porquanto estava abraçada a ele, na cama.

Um médium vidente, em reunião mediúnica, informa a presença de um visitante espiritual. Trata-se um membro do grupo, recém desencarnado. Não tem dificuldade em identifica-lo. É o próprio, apresentando-se sorridente e feliz.

Visitantes de um castelo com fama de mal-assombrado assustam-se, ao ver um homem de lúgubre aparência, jeito ameaçador, identificado como falecido proprietário do castelo.

São episódios distintos, mas têm algo em comum: em todos houve o contacto de homens com Espíritos. Três eram encarnados.

Atente ao detalhe, amigo leitor: invariavelmente, os Espíritos tinham cabeça, tronco, membros e outros detalhes da morfologia humana! Isto significa, obviamente, que afora o chamado veículo carnal, temos outro, que nos serve para actuar na dimensão espiritual.

Não é novidade. Desde as culturas mais antigas, cogitou-se do assunto.

No budismo esotérico falava-se desse corpo. Era o Kama-Rupa. Pitágoras o denominava ‘carne subtil da alma’. Aristóteles dizia ‘corpo etéreo’. Hermetistas e alquimistas falavam em ‘corpo astral’. Paulo reporta-se a ele, na Epístola aos Coríntios, quando diz que ‘há corpos terrestres e corpos celestes’. E proclama: ‘Semeia-se corpo na corrupção (morto) e ele revive na incorrupção (o corpo espiritual)’.

Quando morremos, o corpo físico se decompõe. O Espírito passa a usar o corpo espiritual, não passível de decomposição.

Allan Kardec define o corpo espiritual como perispírito, composto a partir do prefixo grego *peri*, em torno. Seria, portanto, como que o ‘revestimento’ do Espírito.

O perispírito é o elo de ligação entre o Espírito e a carne. Daí dizer-se que o homem é composto de três partes distintas: Espírito, perispírito e corpo físico.

Como o perispírito é uma espécie de fôrma da forma física, ao desencarnar o Espírito tende a conservar a morfologia humana. Em condições especiais, pode tornar-se visível aos homens, como nos casos citados.

Há múltiplas funções exercidas pelo corpo espiritual. Está sempre presente nos fenómenos mediúnicos. É a natureza de sua ligação com o corpo físico que vai determinar se o indivíduo terá maior ou menor sensibilidade, se terá determinada faculdade a desenvolver.

Quando alguém está extremamente debilitado fisicamente, afrouxam-se os laços perispirituais, facultando-lhe visões do mundo espiritual. Esta a razão pela qual os moribundos parecem ter alucinações, reportando-se à presença de familiares e amigos desencarnados. Realmente, os vêem.

A saúde subordina-se estreitamente às condições do perispírito. Grande parte dos males físicos e psíquicos que nos afectam reflete seus desajustes.

A fluidoterapia ou a aplicação do passe magnético, prática comum nos Centros Espíritas, é uma transfusão de energias que tonificam o corpo celeste, com excelentes resultados.

Melhor ainda são os cuidados profilácticos, evitando o desajuste para não se perder tempo nem desgastar-se com ele.

O perispírito reflecte a vida íntima. Consciência tranquila, deveres cumpridos, virtude cultivada = perispírito saudável. Consciência culpada, irresponsabilidade, envolvimento com o vício, pensamento desajustado = perispírito comprometido.

Alguns casos ilustrativos:

A mulher que pratica o aborto habilita-se à esterilidade, tumores e infecções renitentes;

O alcoólatra terá problemas no sistema digestivo, particularmente no fígado;

O fumante experimentará dificuldades respiratórias, envolvendo enfisema pulmonar, bronquite, asma...;

O suicida terá desajustes e enfermidades relacionados com a natureza do suicídio, a maneira que escolheu para furtar-se aos desafios da vida;

O maledicente experimentará limitações no uso da palavra – distúrbios vocais, dificuldades de raciocínio.

As consequências de nossas acções gravam-se no corpo etéreo a cada gesto, a cada má palavra, a cada pensamento negativo, reflectindo-se em nossos estados emocionais, a gerar variados problemas físicos e psíquicos.

Por isso, se queremos cultivar a saúde e sustentar a harmonia, é preciso que observemos a preciosa orientação do apóstolo Paulo (Epístola aos Filipenses, IV:8):

- Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

CARLOS ALBERTO CASTELÃO
(Vila Velha – Espírito Santo – Br.)

(Do livro “Espiritismo, Uma nova era para a Humanidade, de Richard Simonetti).

AS DUAS RÃS

(...)Venho afirmar-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas, que chorem porquanto a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras, mas que esperem, pois que também a Eles os Espíritos consoladores lhes virão estancar as lágrimas.- ESPÍRITO DE VERDADE, Ev. s/Esp., cap. VI, nº. 6.

No atendimento que fazemos a quem nos procura, como nas palestras que nos cabem realizar, procuramos sempre dirigir as nossas palavras num sentido positivo, sem entrarmos nem deixar que uns e outros entrem naquelas lamentações de quem está à espera de receber “pancadinhas nas costas”.

Não somos a favor de lamentos nem, portanto, de dar razão a quem chora ao afirmar que está no fundo do poço. Intentamos, antes, que o raciocínio leve quem assim se sinta, a pensar como fazer para dele sair. E, neste contexto, lembramos algumas vezes a história das duas rãs que, no seu saltar mais distante caíram, um dia, num balde meio de leite e, enquanto uma, dimensionando a altura das paredes do balde, se sentiu impotente para as vencer e libertar-se, a outra, sem querer atender ao cansaço que ao fim de determinado tempo começou a sentir, foi-se sempre esforçando, procurando atingir a abertura do balde. Saltando e saltando ela foi batendo o leite que se foi tornando mais espesso, transformando-se em manteiga... e enquanto a companheira se deixava morrer, afogada, ela foi-se elevando, mercê do leite solidificado, até que um pulo maior a atirou para o exterior do balde, finalmente liberta!

Nós somos como aquelas rãs: enquanto alguns de nós, ao menor obstáculo que encontramos a desviar-nos da rota que nos

traçámos, nos leva a parar... e a desistir, outros, vamos fazendo das fraquezas forças, rangemos os dentes, mordemos os lábios, mas insistimos e, um passo depois do outro, acabamos por vencer, conquistando aquele “bocadinho de lugar ao sol” onde pretendíamos chegar!

Tem sido assim ao longo dos séculos e a História do nosso País registou-o bem, nas conquistas aos mouros, desde o tempo de D. Afonso Henriques até à actualidade. Foram vários – ou muitos? – os factos grafados... e tivemos o terramoto de 1755, com Lisboa destruída e reconstruída por um Homem que não ficou de braços cruzados perante a catástrofe acontecida... o mesmo Homem que ao ser ameaçado com as palavras do embaixador espanhol, soube responder-lhe que, “cada um em sua casa pode tanto que, mesmo depois de morto são precisos quatro para o tirarem de lá”!

Então, quando o inesperado nos bate à porta, nas duas opções que temos – ficar de braços cruzados à espera do fim, ou lutar para transformar o pouco ou nada que nos resta em algo de útil, de proveitoso, qual delas seguir?

Sabendo – porque sabemos – que nem tudo é determinismo ou kármico, porque não verificarmos o que temos? Olharmos bem à nossa volta e, se for caso disso, de um balde de leite fazermos também nós outro tanto de manteiga? Ou, se não gostarmos de manteiga, juntarmos os limões que a Vida nos for dando e com eles fazermos uma limonada?!

- Ah! Mas um problema espiritual não pode ser tratado de qualquer maneira – responderão alguns. É verdade! Mas a cura começa sempre na força de vontade que se tenha para se iniciar um tratamento, combater os sintomas... ou lutar!, em vez de se ficar amorrinhado a um canto, inactivo, criando mais e mais

situações nas quais o inimigo irá tomando mais terreno, a tentar cercar-nos e vencer-nos de qualquer maneira!

Hoje em dia, ouve-se muito a palavra crise mas, se analisarmos bem, concluiremos que há crise de tudo e haverá também a nossa própria crise se não formos capazes de arregaçar as mangas e reagirmos.

Na guerra própria que cada um vai vivendo, ao longo de cada existência, com fé, com oração, com acção, temos conseguido vencer muitas batalhas: Jesus, ainda agora tão referido e comemorado com mais ou menos amor, no Natal que acabou de se passar, garantiu-nos que ficaria connosco até ao final dos tempos: porque não chamá-lo para nós, cada um que se sinta em crise, para que Ele, o Divino Amigo e Médico das Almas, nos ajude a vencer mais esta?

Afinal, este apelo é ainda e também uma opção: vamos continuar de braços cruzados, sabendo que temos um problema, e aguardar a derrota que, com certeza, virá ou vamos reagir e começar a lutar? Inércia também pode ser obsessão...

Se o inimigo não gosta de oração, oremos; se ele detesta o Evangelho, realizemo-lo mais e mais, no nosso lar, no trabalho, no íntimo do nosso coração... vençamo-nos a nós próprios, à nossa inércia, para levarmos de vencida os inimigos espirituais que nos rodeiam, procurando aproveitar-se da nossa fraqueza!

Com Jesus connosco, não há quem nos vença: só precisamos estar atentos para sabermos ser **positivos!**

MANUELA VASCONCELOS

PÁGINAS DO PASSADO

O Espiritismo e o Crime

O amor, essa labareda imensa que ilumina as almas e as prepara para a vida eterna. – Maria Gonçalves Duarte Santos (Lia) – ‘Dois Mundos’.

E o Senhor disse a Caim: onde está teu Irmão Abel?... – Gênesis, cap. IV:9.

É preferível prevenir os crimes, a ter de puni-los. – Reccaria – ‘Dei Delitti e delle Pene’.

Data de longe a acção criminosa. Vem da aurora do planeta grosseiro, em que vegetamos.

Aquele grande iniciado que, a pouco menos de 2.000 anos, dizia a discípulos humildes: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei*, também amou um Caim, que o não matou, mas vendeu-o aos matadores, e enforcou-se na figueira.

O assassino de Abel, invejoso do irmão, respondeu ao Senhor que não sabia onde ele estava e não era seu guarda. Em suma, os passos do homem sobre a Terra marcam-se com sangue, e no líquido purpurino se ensopam em todas as épocas da História e no remoinho de todas as idades.

Dotou-nos de livre arbítrio o Senhor dos senhores, e deu-nos lei preciosa de orientação preclara na letra acessível do *Decálogo*.

Jesus, seu Enviado, o do holocausto sublime do Gólgota e anunciado pelos videntes de Israel, afirmou não vir para destruir a Lei e os Profetas, mas para dar-lhes cumprimento. E a sua vida, toda amor e mansidão, exceptuando o caso típico dos vendilhões do templo, a sua expressão oral desdobrada e desenvolvida em parábolas, tanto simples quanto profundas, na modalidade e na essência, todos os actos e gestos de semelhante exemplificador impecável da própria palavra, punham em evidência a formosura moral da sua alma e a dedicação sem limites ao próximo. Inclusive, não fazia distinção de sensibilidade, de ser para ser, na esfera humana. Mereciam-lhe amor e prece outrossim os inimigos, os carrascos mesmo. Pendente na agonia da Cruz, implora para eles o perdão do eterno Pai.

Não sabiam o que faziam, é a aura que lhes lança, o anátema que lhes dirige, a imprecação desprendida dos seus lábios de moribundo!

“Conheço muito bem a bondade e a maldade dos homens e por essa maldade cada vez conheço melhor e amo mais a Deus” – diz um falecido sacerdote, Baltazar Dinis de Carvalho, *Romeiro da Verdade e da Justiça*, salvando um condenado inocente e restituindo-o ao meio social, o que não perdera direito.

“No campo criminal – diz um douto causídico, o Dr. Ferreira Deusdado, - mais do que em qualquer outro, é melhor prevenir do que remediar”.

É a luz radiosa desta verdade, imperativa e triunfante, que eu defino o Espiritismo e o coloco no ponto álgico de todas as instituições de benemerência que existam à superfície do globo, por ele abertamente suplantadas em seu princípio fundamental dirigente e acalentador: a *Fraternidade*, o laço de amor que o

crime de Caim e dos sicários seus pares rompe brutal e firmemente, mas sem eco no coração e na doutrina do Crucificado, no coração e na doutrina de Allan Kardec.

Quanto de bom exprime e executa no ambiente espírita de solidariedade fraternal o acordo de vontades no exercício da caridade!

Caridade é amor, socorro, amparo, protecção, senso prático, aliviando o necessitado e acudindo à miséria, procurando-lhe ou investigando-lhe “a causa, para a combater e assim ocasionar a cessação do efeito” conforme diz um homem de bem e nobre espírito em assunto de outra natureza. – Álvaro Valente (*Grades Eternas*).

Quanto mais forte for o grau de fraternidade entre os espíritas e mais assomar em todas as suas situações e actividades, mais eficaz como sugestão modelar se tornará para o público, para a multidão anónima, o seu efeito imediato, reflectindo-se na diminuição da criminalidade.

O cinema e o noticiário pormenorizado são agentes do crime, quando falhos de ponderação e de sensatez. Desde que a imprensa, por exemplo, deixou de encher colunas acerca de suicídios, estes diminuíram sensivelmente.

Será uma cruzada e empresa magnífica, por nossa parte, compenetrarmo-nos dos serviços prestados à humanidade, a nosso alcance e de molde a realização, em toda a parte, da propaganda de Fraternidade que nos une, equivalente a afastar do crime.

Só onze homens, visto que o Judas perdeu-se, bastaram para levar a todas as gentes a evangelização do Calvário.

Milhares de irmãos, no Espiritismo, não serão mais do que suficientes para insuflar no ânimo de todos os povos o espírito fraternal que os guia e orienta? É mais do que indubitável, é de certeza matemática.

Já, de si e em si, é função psíquica de mutualidade afectiva. É obra ou tarefa calma, agradável Àquele que deu à ave a arte habilíssima do ninho, e a exuberância de amor na maternidade efectiva, que às vezes é deficitária na fêmea humana.

Carecemos e muito de, em udo e por tudo, assumir posição ajustada e desempenhar papel correspondente no cenário das coexistências e no plano das sociedades constituídas, cujas codificações orgânicas acatamos, como é de razão e de direito.

“Le droit c’est la vie” disse Lerminier, talento francês, digno de recorde e admiração.

Assiste-nos direito ao ideal que professamos, em que a evolução e a ciência se conjugam, e ao conceito das altas dirigências sociais, como arautos da Paz, que a Fraternidade abraça e preconiza.

Esta, a Paz do espírito e o amor entre os racionais, congrega-nos pelo pensamento e pelo querer livre, libérrimo.

É a afirmação pura do que há em nós aspirando ao infinito, e o enlevo de alma entrevedo o Além. Sejamos, pois, constantes na eficiência, firmes no afecto, inquebrantáveis na propaganda, assíduos a íntima correlação.

Tudo isto prova disciplina, é lição de equilíbrio, ascese para Deus. E não contribui para fortalecer laços de amizade sã, interesse pela paz, declinação de criminalidade?

Eis um espelho apetecível e uma vitória do espírito.

D. FRANCISCO DE MELO E NORONHA

(In Revista Portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, Setembro de 1951).

*

UM EPITÁFIO

Aqui jaz, lançado aos vermes, o corpo, o corpo do tipógrafo Benjamim Franklin, como a capa de um velho livro de folhas arrancadas e cujo título e douradura estão apagados; mas, aparte tudo isso, a obra não se perderá, porque há de reaparecer em nova e melhor edição revista e corrigida pelo autor.

FRANKLIN

(Revista Portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, Outubro de 1945).

*

PRESERVA A TI PRÓPRIO

*“Vai e não peques mais”. – JESUS –
(João, 8: 20)*

A semente valiosa que não ajudas, pode perder-se.

A árvore tenra que não proteges, permanece exposta à destruição.

A fonte que não amparas, poderá secar-se.

A água que não distribuis, forma pântanos.

O fruto não aproveitado, apodrece.

A terra boa que não defendes, é asfixiada pela erva inútil.

A enxada que não utilizas, cria ferrugem.

As flores que não cultivas, nem sempre se repetem.

O amigo que não conservas, foge do teu caminho.

A medicação que não respeitas na dosagem e na oportunidade que lhe dizem respeito, não te beneficia o campo orgânico.

Assim também é a Graça Divina.

Se não guardas o favor do Alto, respeitando-o em ti mesmo, se não usas os conhecimentos elevados que recibes para benefício da própria

felicidade, se não prezas a contribuição que te vem de cima, não te vale a dedicação dos mensageiros espirituais. Debalde improvisarão eles milagres de amor e paciência, na solução de teus problemas, porque sem a adesão de tua vontade, ao programa regenerativo, todas as medidas salvadoras resultarão imprestáveis.

“Vai e não peques mais”.

O Médico Divino proporciona a cura, mas se não a conservamos, dentro de nós, ninguém poderá prever a extensão e as consequências dos novos desequilíbrios que nos sitiarão a invigilância.

EMMANUEL

(In: Livro mediúnico PÃO NOSSO, capítulo 50 da 26ª. ed. FEB, psicografia de Francisco C. Xavier).

